



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACS

CURSO: PSICOLOGIA

“A SUA MORADIA TAMBÉM FALA DE VOCÊ”

UM ESTUDO DA RELAÇÃO ESPAÇO E SUBJETIVIDADE

SARAH ALVES MARINHO

BRASÍLIA,

JUNHO / 2007

SARAH ALVES MARINHO

“A SUA MORADIA TAMBÉM FALA DE VOCÊ”

UM ESTUDO DA RELAÇÃO

ESPAÇO E SUBJETIVIDADE

Monografia apresentada
como requisito para
conclusão do curso de
Psicologia do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília
Professora orientadora: Cynthia Ciarallo

BRASÍLIA, JUNHO, 2007



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACS

CURSO: PSICOLOGIA

Esta Monografia foi aprovada pela Comissão Examinadora composta por:

A Menção Final obtida foi:

BRASÍLIA, JUNHO/2007

*Dedico esse trabalho ao meu Senhor e Deus,
à família Marinho (minha família),
ao meu namorado Tilon Facincani,
e à comunidade de Águas Claras.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente pela inspiração e pela força que me deu em cada minuto da composição desse trabalho. Um Deus que me cercou por todos os lados de uma forma maravilhosa e me permitiu concluir o curso, a monografia para honra e glória dele. Reconheço que se não fosse por Ele não estaria concluído esse tão sonhado curso.

Agradeço à minha orientadora Professora Cynthia Ciarallo pelas orientações, pelo incentivo e apoio. Espero que continuemos trocando olhares sobre essa cidade que inspirou tantas reflexões.

Agradeço aos meus lindos e maravilhosos pais, que acreditaram na minha formação, estiveram comigo lado a lado esses cinco anos, em momentos alegres e difíceis. Agradeço a vocês porque foram peças fundamentais para que eu estivesse hoje onde estou, alcançasse essa vitória tão sonhada que é a primeira (nessa área) de muitas outras. Quantas bênçãos de Deus me alcançaram por causa do amor e cuidado que vocês sempre dedicaram a mim.

Agradeço ao meu namorado “maravilindo” Tilon Facincani por toda paciência, amor e por contribuir para que minha história seja muito mais feliz. Essa vitória também é sua meu amor!!!!

Gostaria de deixar registrado um agradecimento especial à minha colega de turma Lorena Alves que me ajudou desde o início, por estarmos na mesma turma de orientação foi possível compartilhar de perto esse momento de elaboração da monografia, muito obrigada por tudo! Também a minha amiga Angelina pelo apoio e incentivo.

Obrigada a todos vocês, pessoas especiais demais na minha vida, e que me marcaram em especial nesses cinco anos de crescimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	
ESPAÇO MODERNIDADE E MORADIA	13
1.1 ESPAÇO.....	13
1.2 MODERNIDADE E MORADIA	16
CAPÍTULO 2	
ESPAÇO, SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE	23
3. METODOLOGIA	29
3.1 ASPECTOS BÁSICOS DA PESQUISA QUALITATIVA	29
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
4. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
8. APÊNDICE.....	53
9. ANEXOS.....	59

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar a tendência moderna de moradia: Condomínios Verticais Fechados e seu impacto sobre a vida, as relações sociais, a saúde. A Psicologia Ambiental tem estudado a relação indivíduo-espço utilizando conhecimentos de abordagens que compreendem que o espaço toca as vivências dos seus moradores. Dessa maneira utilizamos os saberes da Geografia, Sociologia, Antropologia e Arquitetura, afim de que a reflexão indivíduo-espço fosse mais elaborada. O método qualitativo de pesquisa foi utilizado visando verificar sentidos e significados dos participantes associados com seu espaço de moradia: os condomínios verticais fechados. Águas Claras-DF foi escolhida como o espaço em questão, por ser uma cidade peculiar no cenário do Distrito Federal: o próprio estilo dos seus condomínios fechados é singular: mescla características dos tradicionais condomínios horizontais no que diz respeito à segurança e um pouco da sua elegância, detalhes arquitetônicos modernos, acrescidos de itens como: amplas áreas de lazer, salões de festas, piscinas, academias, cinemas, saunas e etc., ou seja, é uma cidade que adota características intermediárias para a classe média para a qual tem sido construída. Três moradores da cidade foram entrevistados. As entrevistas foram gravadas analisadas e agrupadas em categorias, apresentando os seguintes elementos: (a) lugar de começo, (b) alternativa mais acessível para tranquilidade e conforto, (c) garantia de privacidade, (d) idéia de ascensão econômica, (e) Segurança do espaço físico e pessoal. Verificamos que a cidade tem vendido um modelo “inovador” de moradia no DF, o que tem motivado migrações da Classe Média em sua maioria. Esse jeito peculiar de habitar estimula as subjetividades a valorizarem o novo e o privativo sendo que os espaços físicos e pessoais estão cada vez mais cercados. As questões que surgiram no levantamento das informações demonstram o espaço como uma vertente da prática social, visto que a vida em sociedade está estruturada e tem como suporte o espaço. Por esse motivo percebe-se que o espaço estudado tem impactado as subjetividades. Isso pode ser verificado a começar pela a arquitetura dos condomínios, um dos elementos da configuração espacial, que favorece um estado de confinamento dentro dos mesmos, onde se pode observar isolamento, solidão, o que contribui, a longo prazo, para um possível sofrimento psíquico. Este trabalho, portanto, traz alguns parâmetros de discussão desenvolvidos a partir da análise das expressões subjetivas de seus moradores e investiga como esse morador se percebe e qual tem sido o impacto desse estilo de moradia na sua subjetividade.

Palavras-Chave: Moradia, Modernidade, Subjetividade, Identidade, Isolamento, Sofrimento Psíquico.

Uma análise da história humana nos permite perceber que as pessoas vão se organizando nos espaços de acordo com as tendências de sua época, suas necessidades, expectativas, intenções, preferências etc., e, por esse motivo, os modos de vida - seja na cidade ou no campo - podem ensejar um estudo da relação indivíduo-espço.

Entendemos então que grupos humanos não se distribuem de forma uniforme no espaço: essa distribuição resulta de uma seletividade histórica e geográfica que, para Milton Santos (1986), é sinônimo de necessidade. Essa necessidade decorre de determinações sociais fruto das necessidades e das possibilidades da sociedade em um determinado momento. O habitat pode, portanto, fornecer-nos dados sobre estilos de vida, apelos locais e suas relações mútuas.

Atualmente, presenciamos um processo crescente de urbanização no nosso país, e, então, entendemos que para melhor compreender a relação indivíduo-espço o estudo da habitação no contexto urbano é relevante, visto que é possível afirmar que o mundo ocidental tem se urbanizado. Igualmente verificamos uma expansão do contingente populacional citadino em direção à periferia na tentativa de assentar a população de baixa renda, ou, ainda, crescendo com a finalidade de abrigar novas áreas de expansão imobiliária, geralmente destinadas às classes dominantes. Prova disso é que no último decênio os estudos apontam que a população urbana saltou de 37 milhões para 42 milhões de habitantes (nas sete regiões metropolitanas oficiais brasileiras); em suas periferias a taxa de crescimento chegou a 30 %, enquanto que nas áreas urbanas mais centrais não ultrapassou 5% e nas áreas mais nucleares houve um processo de diminuição da população residente (Ribeiro, 2004). Outro dado

relevante para a presente pesquisa, é que essas metrópoles concentram hoje uma questão social dramática: a exacerbação da violência (Ribeiro, 2004).

Com relação às ocupações destinadas à classe dominante, vemos que em sua maioria têm sido feitas a serviço dos objetivos de mercado: as cidades se tornam “máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva” (Vasconcelos, 1996, p. 146). Os estudos têm mostrado haver relações entre comportamento (forma de vida) e forma construída (o espaço que é palco do comportamento).

Pensando em nossa cidade, Brasília, a história revela que a presença do Estado é marcante desde seu início e que o Distrito Federal apresenta uma urbanização polinucleada formada por seu pólo principal: o Plano Piloto de Brasília e as cidades satélites hoje denominadas Regiões Administrativas que dependem dele. O presente estudo é uma pesquisa qualitativa realizada na Região Administrativa de Águas Claras, cidade projetada pelo arquiteto Paulo Zimbres, e que, segundo o arquiteto e urbanista Paviani (1989), foi construída também para ser uma área complementar do Distrito Federal visando diminuir a concentração no Plano Piloto, abrigando em sua área privilegiada (entre Taguatinga e Plano): pequenas universidades, desenvolvimento de pesquisas e também estimulando as atividades terciárias. Ou seja, a idéia é que a cidade teria o objetivo social de fortalecer o pólo central.

Mas por que o interesse pelo fenômeno Águas Claras para uma pesquisa em Psicologia Social? Porque essa cidade pode ser considerada um exemplo, um referencial da última tendência moderna habitacional, a saber, condomínios fechados (na cidade, são em maioria do tipo vertical). Em Águas Claras encontramos espacialmente uma forma singular dos novos tempos, despertando por si só a atenção para estudar as relações entre espaço e indivíduo que podem nos ajudar a compreender uma faceta da realidade atual. É uma cidade que cresce literalmente a cada dia (todos os dias muitos novos apartamentos são entregues,

peessoas estão mudando), inclusive já apresentando problemas no que diz respeito ao fluxo de carros, pois tem sido ocupada mais rapidamente que o previsto.

Quando alguém visita Águas Claras se depara logo nas duas entradas da cidade com uma variedade de estandes e de corretores apresentando seus produtos: os apartamentos em condomínios verticais fechados. As frases mais comuns são: “Aqui o conceito de morar é viver bem, numa ampla área de lazer com espaços bem dimensionados em ambiente harmonioso com seu estilo de vida” ou “Planejado para você desfrutar tudo de bom que a vida tem a oferecer”, “Você terá um fantástico apartamento com arquitetura moderna, destaque especial para a área de lazer onde seu conforto é completo e segurança total” (vide anexo I).

Águas Claras é a XX Região Administrativa do Distrito Federal (englobando também o Areal e Arniqueiras), apresentando 31,5 Km² de extensão e a 19 km do Plano Piloto de Brasília; um espaço peculiar no cenário do DF que surgiu em 1984 para atender a crescente procura por novas habitações e ainda encontra-se em construção (CODEPLAN, 2002).

Quanto à paisagem apresentada pela cidade, percebe-se que é bem incomum quando comparada às demais regiões administrativas do DF. Foi prevista a construção de 36 mil unidades habitacionais para 160 mil moradores, sendo que essas unidades habitacionais são condomínios verticais fechados, planejados para a classe média em sua maioria. Outra particularidade é que em Águas Claras se localiza o ponto central do sistema metroviário brasileiro (Lima, 1999), onde está a estação Águas Claras que faz conexão das linhas do metrô; nela, os trilhos se bifurcam em direção às Regiões Administrativas Ceilândia e Samambaia. É a única estação com plataformas duplas, subdividindo e orientando os fluxos de usuários para facilitar a transferência de uma linha para outra. A construção da cidade também ajudou a financiar as obras do metrô.

O *Jornal da Comunidade* em sua edição online de 26.07.2004 informa que Águas Claras é a cidade que tem dado mais lucros no DF. É uma cidade que tem atraído investidores e moradores por não estar em uma área tombada, pelo estilo dos apartamentos: acima de seis andares que podem ser fechados em condomínios com sistemas de segurança modernos e que oferecem área de lazer: piscinas, playgrounds, vários itens que são incomuns quando comparados aos apartamentos das outras regiões administrativas. Águas Claras possui também um parque ecológico com quadras desportivas; playground; churrasqueiras e trilhas para caminhada e ciclismo. Dentro do parque também funciona unidade de polícia florestal. O preço dos apartamentos é um outro atrativo, as pessoas podem pagar até 50% a menos com relação aos apartamentos do Plano. Quanto a valorização dos imóveis está por volta de 25% ao ano; no Plano Piloto não ultrapassa 18%. O m² já ultrapassa R\$1.800. A intenção do governo era que a cidade inicialmente fosse construída por cooperativas para ser feita mais lentamente, mas um acordo foi feito para que as empresas investissem no local no governo de Roriz, e então a cidade tem crescido mais rapidamente.

Considerando as peculiaridades da cidade acima já expostas e a partir de relatos de seus moradores por ocasião de atendimentos psicossociais realizados aos mesmos, questionamentos foram surgindo com relação ao impacto da organização urbana desse espaço na subjetividade dos habitantes da cidade. A identificação de casos de sofrimento psíquico gerou mais inquietação e desejo de compreender essa realidade e buscar verificar a relação ou não desses fenômenos com o habitar em Águas Claras.

A moradia interferindo e sendo influenciada por determinados costumes e consumos de nossa época, torna-se extremamente significativa para compreendermos dinâmicas culturais. As práticas de planejamento das habitações podem nos orientar quanto a aspectos de determinada cultura. Por exemplo, como a planta de um apartamento em Águas Claras é

concebida, pode ser uma via de acesso à investigação de valores e comportamentos cultivados contemporaneamente (Dornelles, 2005).

Em geral os efeitos do espaço no homem são observados primeiramente no que diz respeito ao seu impacto sobre nossa percepção visual: a arquitetura ou o edifício é capaz de alterar nossa percepção, ter um efeito positivo, negativo, neutro, agradável, desagradável, belo, feio, estranho e assim por diante. Mas além desses efeitos causados pela percepção visual, muitos efeitos podem ser estudados e compreendidos quando se estuda essa relação espaço-sujeito. Foi relevante para essa pesquisa pensar, entender a natureza do espaço e a particularidade do seu impacto no indivíduo. Por essa razão durante a pesquisa ficou evidente que utilizamos o saber psicológico juntamente com os saberes da Arquitetura, da Geografia e da Antropologia por serem áreas cujos teóricos também têm apontado o espaço físico como um elemento capaz de tocar as experiências pessoais.

Os discursos aqui analisados não têm intenção reducionista e determinista da realidade. Aqui não estaremos buscando relações de causalidade, mas tentando compreender uma realidade, uma possível articulação entre subjetividade, identidade e espaço, visto que é fato a possibilidade da existência de relações e efeitos complexos, parcialmente imprevisíveis que podem estar interligadas. O objetivo é analisar contextos, particularidades para uma melhor compreensão da dinâmica moderna da cidade (Santos, 1997).

Assim foram divididos os capítulos teóricos: I. Espaço, Modernidade e Moradia e II. Espaço, Identidade e Subjetividade, essa distribuição nos ajuda a pensar no tema observando que antes do sujeito vivenciar o espaço, o espaço tem na sua essência significados atravessados por comportamentos que o criaram. Além de entender a urbanização, habitação, é de suma importância entender a percepção, a subjetividade das pessoas que são afetadas por ela e que também as afeta. As significações imaginárias sociais dos moradores de uma *urbe* se diferem em termos de avaliação e representação não apenas de pessoa pra pessoa, mas entre

os sexos segundo algumas pesquisas. Por isso a necessidade de também verificar o porquê dessas representações tão diferenciadas e atentar para o impacto na vida das comunidades. Isso pode nos ajudar a entender como, por exemplo, um projeto social vem a funcionar e outro, não (Vasconcelos, 2000).

No primeiro capítulo estaremos utilizando com mais ênfase a bibliografia da Geografia e da Arquitetura, para nos auxiliarem no que diz respeito ao desenvolvimento do espaço urbano. No segundo capítulo utilizaremos principalmente a bibliografia da Psicologia juntamente com a Antropologia, que farão a ligação com as outras áreas para uma reflexão mais elaborada sobre espaço – indivíduo.

*“Somos capazes de caminhar por uma rua durante anos
e jamais perceber as casas conversando
e agindo diariamente sobre nossa presença”.*
(Marcos André)

1. ESPAÇO, MODERNIDADE E MORADIA.

1.1 Espaço

Para Milton Santos (1997), o espaço deve ser considerado como uma totalidade social, e como pontua Carlos (2004), é a prática sócio-espacial que dá forma e conteúdo ao espaço. O espaço seria uma instância da sociedade que por sua vez se constituiria de basicamente cinco elementos: os homens, as empresas, as instituições, o chamado meio ecológico e infra-estruturas, sendo que cada um desses elementos muda seu papel e posição a cada momento histórico (Santos, 1997).

As condições atuais do processo de crescimento capitalista criaram uma forma particular de organização do espaço, indispensável à reprodução das relações econômicas, sociais e políticas, por isso observa-se que até agora a utilização do espaço tem sido feita como veículo do capital e instrumento da desigualdade social, haja vista, a morfologia do espaço fortemente hierarquizada revelando a desigualdade desse processo (Santos, 1986).

Desse modo, o espaço evolui revelando sua importância como valor de troca e de uso, pois o modelo capitalista orienta modos de vida e impõe limites aos espaços (Carlos, 2004). Aspectos em evidência nos centros urbanos tais como: medo e violência, somados às transformações sociais das cidades contribuem para a segregação do espaço e discriminação social (Caldeira, 2000).

Segundo Carlos (2004), verifica-se nessa evolução espacial que os espaços submetidos às estratégias imobiliárias “se recriam em função dos objetivos específicos que fogem e se sobrepõem aos desejos dos habitantes de modo coercitivo” (p 103). Essa rapidez de transformações do espaço urbano pode causar desconforto e estranheza aos seus habitantes,

pois os mesmos vivem em contínua adaptação em função das exigências externas (Carlos, 2004).

A cidade é recriada em termos de formas constantemente, essas formas em si mesmas deixam de ter um papel apenas funcional, as coisas já se concebem carregadas de simbolismo, de representatividade, de uma intencionalidade, destinadas a impor a idéia de um conteúdo e de um valor que em realidade, na maioria das vezes, eles não têm (Santos, 1986). Toda essa dinâmica vai invadindo aos poucos o cotidiano dos moradores recriando comportamentos, valores (significações), bem como destruindo símbolos, mudando a relação entre os vizinhos e destes com a cidade (Carlos, 2004).

Questões clássicas de estudos indivíduo-espço (habitação, bairro, estudos urbanos) são principalmente monodisciplinares, conduzidas seja por arquitetos e *designers*, seja por cientistas sociais. A Psicologia Ambiental funciona de um modo indutivo e orientado ao problema e reconhece que o responder demandas sociais precisa combinar abordagens afins para que a discussão sobre a questão indivíduo-espço possibilite um entendimento mais coerente da realidade, essa discussão precisa estar contextualizada em espaços e momentos históricos específicos (Moser, 2005).

O geógrafo Armando Silva (2001) se propõe a estudar a cidade como o lugar do acontecimento cultural e como cenário de um efeito imaginário. Para ele, cada cidade tem seu próprio estilo: sua vida sexual, seu uso e representação, suas escrituras, formam um conjunto de trocas constantes. Segundo Silva (2001), o físico produz efeitos no simbólico, em suas escrituras e representações; e as representações que se façam da *urbe*, do mesmo modo, afetam e conduzem seu uso social e modificam a concepção e percepção do espaço. Se uma cidade como Águas Claras possui belos condomínios verticais fechados, esses edifícios que se sobressaem visualmente, que chamam a atenção pela sua beleza e imponência, marcam lembranças e referências dessa cidade. Todavia, além da conformação física-natural, a cidade

se define por suas expressões e por último se define por seus próprios cidadãos, seus vizinhos e seus visitantes (Silva, 2001).

Por isso é importante entendermos a percepção dos moradores, pois muitas vezes uma imagem que é divulgada pelo governo, pelo marketing imobiliário pode não condizer com a vivência dos moradores. Muitas vezes a idéia de qualidade de vida e segurança é muito propagada, especialmente no processo de edificação da cidade, como forma de atrair moradores e investidores; mas na prática as pessoas podem vivenciar uma tensão entre esse discurso e a realidade. Então, ao tentarmos entender a realidade de determinada cidade, podemos observar ou não se há uma discrepância entre a imagem criada e a realidade percebida pela população (Cidade, 2003).

Quanto ao plano de gestão do espaço da cidade, não podemos deixar de enfatizar a questão do equilíbrio ambiental do espaço. Estudos sobre planejamento urbano indicam que em novas cidades satélites e condomínios de médio e alto padrão é comum problemas de limitações ambientais somados à deficiência de infra-estrutura e serviços urbanos. Os prejuízos e comprometimentos ambientais se dão pela alteração dos solos com resíduos e contaminações, pela redução da cobertura vegetal e aumento das áreas impermeabilizadas e etc. A realidade mostra que geralmente a transformação da paisagem marcada pelo rápido processo de ocupação ocorre de forma desproporcional à capacidade natural de renovação dos ecossistemas. Em Águas Claras, por exemplo, é visível essa velocidade de ocupação do espaço. É importante ressaltar que o espaço é um bem limitado e por isso o seu consumo de forma muito acelerada e sem critérios, pode comprometer a qualidade ambiental da cidade e conseqüentemente sua qualidade de vida (Mello, 2003).

Vemos que o espaço urbano tem um sentido profundo, pois se revela como condição, meio e produto da ação humana, ou seja, é o palco das experiências humanas que possibilita a realização da vida (Carlos, 2004).

*“Antes de construir um muro deveria saber
o que estou cercando para dentro ou cercando
para fora e quem eu gostaria de afrontar”
(Frost)*

1.2 Modernidade e Moradia

Nas sociedades modernas a mobilidade geográfica é perceptível tanto em razão de dados estatísticos como em função da ascensão social buscada pela migração. Daí a perspectiva psicológica da mobilidade geográfica, pois esta se dá predominantemente em função da mobilidade social almejada. Mudam os contingentes humanos que pretendem melhores condições de vida, maior renda, melhor emprego, mais lazer, etc., tudo isso consubstanciado na ascensão social, na mobilidade social (Megale, 1983).

Observamos que para o homem de classe média têm sido oferecidas várias opções de moradia numa mesma região. Essas opções buscam satisfazer duas de suas principais aspirações: gozar de qualidade de vida e segurança. Então, muitos homens preocupados com sua segurança combinada à sua aspiração por qualidade de vida, dispendo de uma razoável condição financeira, optam por habitar condomínios fechados, uma alternativa que de acordo com o mercado imobiliário, é a mais adequada nos nossos dias. Entretanto, algumas pesquisas apontam que a aspiração de habitar em tal lugar pode está associada não só à busca de segurança ou qualidade de vida, pesquisas apontam que principalmente moradores que preferem habitar esses lugares por conta do medo do crime, nos seus discursos estão presentes busca de status, “preocupações raciais e étnicas, preconceitos de classe e referências negativas aos pobres e marginalizados” (Caldeira, 2000, p. 9).

É comum a homogeneidade de grupos sociais nos condomínios, mas ao contrário do que se poderia pensar, as pesquisas apontam que quando as pessoas buscam grupos de iguais elas não estão desejando sociabilidade local, haja vista, as dificuldades verificadas nas reuniões de condomínios, pois as regras atrás dos muros são sempre reescritas pela

dificuldade do seu cumprimento, visto que elas são “tratadas de forma privada e não como questões de interesse público ou da lei” (Caldeira, 2000, p 277).

A proliferação de loteamentos e condomínios fechados nos últimos quinze anos tem modificado a configuração espacial de algumas áreas da região metropolitana brasileira. Todos os tipos de moradia, nos grandes centros, passaram por processo de enclausuramento em reação ao medo do crime. O detalhe é que hoje os condomínios detêm um sistema de automação mais sofisticado do que o que dispõe o morador de uma periferia que também vive atrás de muros, mas em menor segurança (Caldeira, 200). Porém, Teresa Caldeira (2002) aponta que a necessidade de cercar, fechar, afetou o modo de vida de pobres e ricos e suas relações com os vizinhos, também verificou nos discursos dos entrevistados que eles consideram melhor viverem atrás dos muros; isolados, eles acreditam fazer o que querem.

A literatura aponta que o condomínio fechado também é fonte de pesquisa e análise, mesmo em lugares em que o medo do crime não seja uma realidade. Nos Estados Unidos, por exemplo, o número de pessoas que preferem viver atrás dos muros só aumenta. Pesquisas apontam que nos anos 1990, 40% das novas residências na Califórnia foram construídas *behind walls* (atrás de muros) e que em 1997 cerca de 8,5 milhões de norte-americanos viviam em *Gated Communities*. (Blakely, E & Snyder, M. citado em D’Ottaviano, 2006), ou seja, podemos inferir que esse estilo de moradia é uma tendência moderna e que não está ligada apenas à questão da segurança pelo medo do crime.

A expressão *Behind Walls* (atrás de muros) evoca uma reflexão. Cavalcante (2005) realizou um estudo onde pontua que “Isolamento e Passagem são funções respectivas do muro e da abertura. A abertura permite a passagem e opõe-se a função primeira do muro que é separar e isolar os espaços. No fluxo da vida cotidiana, cada uma dessas funções é reforçada por seu oposto” (p. 135).

Podemos perceber que por causa da ambivalência das necessidades humanas foi que o homem criou o muro, a porta. Esses componentes do espaço físico combinam dois simbolismos: acesso e impedimento. Vemos, então, que o comportamento humano é que determina a funcionalidade do muro: acesso ou impedimento. Então, se em um momento o estado do muro nos dá acesso ao condomínio refugiando condôminos, por exemplo, existirá sempre a idéia do impedimento, pois o mesmo se constituirá impedimento em outro momento. Impedimento para quem? Para o quê? (Cavalcante, 2005).

Ao fechar a porta e em última análise, ao se construir um muro, o homem cria um espaço em volta de si: do qual toma posse para defender-se de inconvenientes, tornando esse espaço pessoal (idéia de apropriação); no qual pode estar só e satisfazer sua necessidade de intimidade, ou pode estar só com pessoas e coisas que escolheu para aproveitar este quadro; acolher aqueles e tudo quanto quer que penetre no espaço. Os muros se abertos ou fechados, expressam nossa vontade. Os muros, portanto, podem ser vistos como concretização de relações vivenciadas em sociedade, visto que quem adentra está debaixo da vontade de quem permite o acesso; o homem-visitante submete-se às regras do homem-habitante (Cavalcante, 2005).

Mas existe também um tipo de muro sobre o qual o domínio de propriedade prevalece: o muro de territórios pessoais. O território pessoal que é complexo e imprevisível, muitas vezes corre o risco de isolamento em meio a ambivalência das necessidades humanas (intimidade pessoal x intimidade compartilhada), a intimidade pessoal muitas vezes é fortalecida por estímulos culturais (a mídia, objetos pessoais, eletrodomésticos e etc.) negligenciando a intimidade compartilhada, ou seja, a troca de experiências, o compartilhar, que são aspectos do modo de vida essencialmente necessários para o equilíbrio psíquico e em última análise a qualidade de vida.

Caldeira (2000) enfatiza algumas características dos condomínios fechados: com detalhes arquitetônicos esses locais são de uso coletivo, valorizando a privacidade em detrimento do que é aberto, público; são protegidos por sistemas de segurança a começar dos muros, voltados para o interior evidenciando impedimento ao público.

Estudos do núcleo de arquitetura da USP apontam que a proliferação dos condomínios fechados tem se apoiado em duas vantagens: segurança e qualidade de vida. O argumento mais utilizado pelo mercado para esse estilo de habitar é a segurança. A segurança passa de necessidade (baseada na realidade social) para envolver a satisfação de um desejo cujas bases são emocionais. Uma questão que deveria ser responsabilidade pública é transferida para a responsabilidade privada, individual. Os medos do consumidor são alimentados e eles acabam assumindo a responsabilidade da sua própria segurança que na verdade é um direito seu. A realidade moderna se instala: espaços privados que oferecem conforto e ao mesmo tempo são fortemente defendidos e espaços públicos muitas vezes abandonados, deteriorados, passam a serem territórios de rápida passagem e o convívio social entre os moradores vai aos poucos desaparecendo em contrapartida a individualidade vai sendo reforçada. Os estudiosos sugerem que os muros altos ao redor dos condomínios podem vir a ser mais altos do que aparentam, e delimitar mais espaços do que supomos que eles separam (Tramontano & Santos, 2001).

Diante desses aspectos das residências muradas, a pesquisa de Caldeira (2000) observa também uma questão relevante para a presente pesquisa; nesse hábito de vida é comum a superficialidade das relações, as pessoas muito dificilmente conhecem umas as outras, por estarem inseridas num contexto social marcado pelo enfraquecimento de laços sociais; além disso verificou nos discursos dos entrevistados que eles tentam passar a idéia de que estão mais temerosos quanto aos crimes, do que buscando privacidade, individualidade e intimidade para justificar a preferência de habitar tal lugar.

O pensador George Simmel (1950) desenvolveu uma tradição conhecida como Formalismo, que estabelece como prioridade o estudo das formas. O pensador alemão fazia uma distinção entre formas e conteúdos, indicando que, a partir do estudo das formas, seria possível entender o funcionamento da vida social. Em um texto escrito originalmente em 1902, define o conceito de atitude *blasé* (que poderia ser mais bem traduzida, como atitude “não me importo”, “não estou nem aí”) como uma indiferença que caracterizaria o homem urbano. Como a mente do homem só capta alguns estímulos dentre os vários que recebe na cidade, o mesmo acaba se protegendo deles, agindo prioritariamente em suas relações de forma racional (cria um tipo de defesa), preservando o emocional, optando assim por uma maior reserva pessoal em relação aos demais cidadãos e conseqüente enfraquecimento de interação social (Simmel, 1950).

Esse modo de vida que acaba favorecendo o privado, o individual teria que impacto na saúde humana? Sabemos que a sociedade pode dispor de recursos que de maneira direta ou indireta influi na saúde humana. As tendências com seus maus hábitos vão se instalando na vida familiar e nas atividades que caracterizam o modo de vida dos grupos sociais de diversas classes (Gonzalez Rey, 2003).

Muitos dos maus hábitos constituem mecanismos de defesa diante de tensões que homem não consegue enfrentar em seu comportamento consciente (...) O hábito é uma expressão integral de todo o sistema psicológico, sendo o controle uma ação integral do indivíduo sobre sua própria vida pessoal (Gonzalez Rey, 2003, p. 24).

Como o nosso objetivo aqui é estudar exatamente essa tendência moderna de habitação, não podemos ignorar essas questões subjetivas que estão presentes na realidade dos condomínios fechados nem considerar em como os componentes dessa realidade podem estar

impactando, ou até mesmo modelando estilos de vida, afetando a qualidade de vida, a saúde das pessoas ora positiva, ora negativamente, e como os moradores percebem esses componentes.

Estudos apontam que o sistema complexo globalizado da atual conjuntura social acaba trazendo uma sobrecarga e exigência às pessoas envolvidas por eles podendo levar a sofrimentos psíquicos. Muitos se sentindo à margem dessa dinâmica social e econômica e não conseguindo verbalizar necessidades íntimas, podem iniciar um processo de somatização do seu mal-estar (Barbosa, 2006).

Situações de isolamento que são evidentes nesses novos estilos de moradia podem possibilitar uma privação do social como medida de proteção de si o que caracteriza os estados depressivos (Barbosa, 2006), ou seja, o hábito de se privar, de se preservar do convívio social, instala-se hoje, porém pode ser o prenúncio de um estado depressivo amanhã.

Estudos observam que os estados de sofrimento psíquicos estão relacionados ao avanço capitalista (Barbosa, 2006).

É importante que pensemos no isolamento do grupo de iguais, das comunidades homogêneas que se desenvolvem na riqueza das grandes cidades, nos guetos urbanos, nos *shopping centers* e condomínios fechados, nos circuitos e itinerários restritos, nas navegações virtuais, na construção da arquitetura da indiferença que é fruto e promotora da exclusão (Shilling, 2000, p. 2).

O contexto Águas Claras pode revelar fatores de risco a que se submetem seus moradores. É igualmente importante considerar as práticas sócio-espaciais que podem submeter os indivíduos a um grau de sofrimento e como os mesmos se comportam para superar suas dificuldades enquanto sujeitos sociais. Visto que para alguns estudiosos a própria

modernidade pode ser vista como fator de risco, pois contribui para aumentar o estresse e as tensões que afetam a vida cotidiana, os modos de vida e as culturas em todo o mundo globalizado (Barbosa, 2004).

Se pensarmos em Águas Claras como um lugar que tem um antecedente histórico: Brasília que é portadora de uma política de monopólio estatal das terras e que derivou desse governo federal que a planejou para uma determinada classe, bem como depende de uma cidade considerada a “mais segregada do Brasil, não a mais igualitária” (Holston citado em Caldeira, 2000, p. 311), iremos entender que na formação da estrutura urbana de Águas Claras, seus agentes não atuam de forma autônoma e sim em conformidade com as suas condições de classe situadas num contexto histórico marcante de segregação.

Um estudo do arquiteto Richard Williams (2005) sobre Brasília onde inclui Águas Claras, utiliza-se de um condomínio vertical fechado da cidade para apontar que naquele espaço o paisagismo é um apelo aos valores de classes e possuem objetivos definidos, as pessoas têm suas atividades reguladas, as regras (a começar do regimento interno de cada condomínio) mantêm as atividades atrás dos muros, com seguranças, porteiros e moradores observando (Williams, 2005). Existem regimentos que não permitem os moradores lavarem os carros no seu espaço de garagem, esse seria um tema, outro parâmetro a se discutir, analisar como a regra é construída e constrói o sujeito que é afetado por ela.

Águas Claras para alguns estudiosos “é um gueto da classe média, uma comunidade fechada em tudo, menos na aparência” (Williams, 2005, § 9)

Podemos então concluir que a reflexão sobre os espaços urbanos contemporâneos pressupõe o estudo das implicações na vida das pessoas e vice-versa, os próximos capítulos tratarão do Espaço, identidade e subjetividade de moradores.

“E se a cidade está dentro de nós, marcada em nosso equilíbrio de caminhantes, não há como fugirmos dela; ela nos segue onde quer que estejamos”.
(Marcos André)

2. ESPAÇO, SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE.

Como foi considerado antes, muitos estudiosos realizaram estudos em que se observaram os espaços tocando as subjetividades e, por sua vez, as pessoas se identificando com lugares. O indivíduo e sua qualidade de vida têm estreita relação com o ambiente habitado, por isso enfocar expressões subjetivas de moradores pode ser uma tentativa de propor reflexões sobre o impacto da prática sócio-espacial na subjetividade.

A subjetividade individual para Gonzalez Rey (2003) seria um sistema no qual se integrariam o pensamento do sujeito, as emoções, as situações vividas por ele, as quais aparecem numa multiplicidade de sentidos subjetivos. Sendo que essa subjetividade “se produz em espaços sociais constituídos historicamente” (p. 205). O autor também destaca dois elementos que estão em contínua renovação compondo essa subjetividade: o sentido e a significação.

E o que seriam o sentido e a significação? Para Gonzalez Rey (2003), o sentido é o valor emocional de um conteúdo e a significação é o valor que pode adquirir conjuntamente esse conteúdo no processo de regulação do comportamento pelo sujeito. O sentido pode ser entendido como o modo de sentirmos o mundo ou os fatos, do sentir-se e do agir do próprio sujeito e a significação estaria mais ligada ao valor conjuntural que é dado aos conteúdos sentidos.

Essas considerações nos levam a entender que não se pode separar o individual do social, visto que quando o sujeito sente o mundo e dá significado a ele, ele atua atravessado pelo social, ou seja, de forma individual e social simultaneamente. Os seus comportamentos

não dependem somente das suas intenções, mas das configurações sociais nas quais os mesmos estão inscritos e dos sistemas de relações dentro dos quais ganham vida (Gonzalez Rey, 2003).

Um componente dessa subjetividade individual é a identidade. Martín Baró (citado em Gonzalez Rey, 2003) observa que a identidade pessoal se constitui de forças sociais que afetam o indivíduo, sendo que diante dessas forças, ele atua, se objetiva, se torna existência. Outros autores têm observado que o homem se identifica em referência às pessoas com as quais convivem, como também tomando como referência os lugares aos quais pertencem (Osborn, 2001).

O sentimento de pertencer a um lugar é uma maneira de fazer conexão entre identidade e um determinado espaço, pois parte de como definimos a nós mesmos é simbolizado por certas qualidades do espaço em que vivemos. Por exemplo: se nos sentimos confortáveis, ou nos sentimos como se estivéssemos no nosso lar no espaço em que habitamos, estamos definindo parte de nós usando qualidades do lugar (Osborn, 2001).

A identidade é formada e continuamente reforçada pela prática individual nas relações sociais que por sua vez estão cercadas por influências ambientais, sendo que esse ambiente enseja o aparecimento de emoções e processos simbólicos que vão marcando a experiência do sujeito, afetando assim sua subjetividade (Gonzalez Rey, 2003). Ou seja, existe uma relação de reciprocidade entre o lugar e o povo que nele habita.

Jacques (1998) entende a identidade como sendo produto da socialização e garantida pela individualização. A autora destaca que a pluralidade humana tem duplo aspecto: da igualdade e da diferença. Ao mesmo tempo em que o homem se iguala por totalidades conforme os vários grupos em que se insere (aspecto da igualdade) surge o aspecto da diferença quando toma o outro como referência para a consciência da sua unicidade. Ou seja,

a identidade acaba por conferir diferenças aos grupos sociais. Ela se evidencia em termos da consciência da diferença e do contraste do outro.

E quando pensamos na identidade como um processo peculiar surgindo nas relações sociais, pode-se verificar que as práticas quotidianas de viver, rituais formais, comemorações e etc. possibilitam meios de desenvolver também a identidade com lugares. Os seres humanos vão criando as imagens dos lugares; esses lugares materiais e suas representações são sempre indicações ideológicas. Conseqüentemente, enquanto a sociedade evolui e muda, os lugares mudam enquanto se transformam em locais dinâmicos e reflexivos da inovação (Osborn, 2001).

Quando dizemos: “Me identifico com esse lugar”, pode nos indicar certa consciência do quanto aquele espaço é uma vertente do nosso atuar, do nosso estilo de vida. Handler (citado em Osborn, 2001) usa o termo *National Identities* (Identidades Nacionais) que pode ser considerada como um tipo de identidade social, para se referir as construções históricas que estão em constante reconstrução e que são geradas por processos simbólicos que emergem e dissolvem-se em contextos particulares de ação.

É comum também observarmos as pessoas dizendo: “amo minha casa”, “amo minha cidade”, existe uma expressão do senso comum que diz “ama-se lugares como se ama pessoas”. Isso nos dá a idéia de que à medida que atuamos no espaço, nos identificamos com ele e que as identidades estão localizadas no tempo e no espaço simbólico, ou seja, apesar de que alguns aspectos de nossa identidade não estejam diretamente relacionados ao lugar, mas todos esses aspectos ocorrem em um lugar como já foi citado anteriormente.

O que nos chama atenção sobre as identidades dentro do contexto atual de modernidade é a existência de uma globalização fomentando uma forma sempre nova e dinâmica de pensar fazendo desaparecer muitos dos referenciais individuais e coletivos de identidade, pois a complexidade social se torna motivo da busca de novas identidades, novas

identificações. Estudos afirmam que em uma época onde tradições e costumes desaparecem continuamente, é possível falar de uma fragmentação da identidade do sujeito e uma ausência de unicidade (Ferreira & Barbosa, 2006)

A fragmentação do espaço e com ele, da identidade e a queda dos referenciais provocam não só o estranhamento, porque as formas se transformam rapidamente, mas também porque estas produzem as possibilidades que atestam o empobrecimento das relações de vizinhança (Carlos, 2004).

Percebemos que a subjetividade individual encontra na cidade, ao mesmo tempo, a sedução e a ameaça. A sedução de comprar coisas e lugares faz parte da experiência dos moradores de uma *urbe*, e, então, muitas vezes o comprar não está tão relacionado à necessidade em si, mas à necessidade de ter que ter, de satisfazer um desejo ensejado pelo mercado. O ser e o ter se confundem, isso porque percebe-se o homem cada vez mais se identificando com as coisas, com os espaços que o rodeiam, investindo dinheiro no seu ambiente de moradia e trabalho, nas coisas que garantam seu conforto e bem-estar. É possível especular que o homem ocidental de hoje está muito mais rodeado de coisas que de pessoas e mais sob o olhar mudo de objetos obedientes. Os espaços públicos cada vez mais abandonados e os espaços pessoais cada vez mais equipados e acolhedores (Carlos, 2004).

Simmel (1950) pontua que a mente moderna tem se tornado mais e mais calculativa, o dinheiro é o nivelador, torna-se o denominador comum de todos os valores, e, então, os cidadãos não discriminam a singularidade, o valor social, o valor intrínseco das coisas e até das pessoas, podendo apenas se basear no valor que tem determinada coisa, quanto ganha a pessoa ou onde mora aquela pessoa.

É fato que convivem, muitas vezes no mesmo espaço urbano, visões de mundo diferenciadas. Mas, segundo o antropólogo Dornelles (2005), a ligação entre cultura e indivíduo se dá pela identidade. Um estilo de vida além de expor à sociedade o *status* ocupado

pela pessoa também é uma prática da identidade. A forma de consumir dá conteúdo e forma ao estilo de vida que é definidor de uma identidade, aderindo os indivíduos a determinada classe social. Analisando consumos e costumes, conseguimos chegar às questões subjetivas (Dornelles, 2005).

O consumir é um atuar no espaço que pode ser observado no mais simples e cotidiano, nos espaços que estão bem próximos de nós. A casa (o espaço, a mobília) que o homem moderno consome, está cercada de elementos, objetos que já são cheios de simbolismos, foram estudados para uma determinada função, praticidade. Estudos recentes apontam que o homem moderno pode descobrir acolhimento em espaços próximos, por atribuir sentido aos símbolos que ele manipula no dia a dia. Tudo isso demonstra que os espaços e o que os compõem são vertentes do processo de constituição da experiência humana, o que varia conforme a posição ocupada no espaço social (Carlos, 2004).

A organização social e econômica de uma sociedade determina as condições de vida em que o homem realiza seu trabalho, as quais terão um papel ativo no modo de vida. Modos de vida são sistemas também de diferenciação social. No modo de vida estão expressas motivações essenciais do homem num sistema de atividades concretas, por isso é tão importante para o estudo da saúde humana (Gonzalez Rey, 2004).

Se toda e qualquer experiência do homem está constituída de diversos elementos de sentido, a maneira como pensamos o espaço que nos cerca, e a maneira como damos sentido e significação a ele, esse processo de uma forma ou de outra afeta nossa subjetividade, e se os processos subjetivos estão implicados, de forma direta, na configuração da saúde e da doença, tanto no plano social como no individual, então poderíamos pensar que uma determinada condição de moradia proporcionaria um modo de sentir, uma significação da experiência que estão ligados diretamente à saúde e doença (Gonzalez Rey, 2004).

Concluindo, o espaço em que habitamos é um fator que quer queiramos ou não afeta a nossa subjetividade individual, nosso processo de identidade, nosso modo de vida, nossa saúde. A congruência entre indivíduo-espaço, ou seja, a qualidade de vida, o bem estar no local de moradia é atualmente um dos temas de estudo da Psicologia Ambiental (Moser, 2005).

O espaço, portanto, é utilizado para atribuir significado, promover identidade, situar a pessoa social, cultural e economicamente. Se alguém é morador de Águas Claras ou de Ceilândia¹, nessa afirmação está explícito algo que o identifica com pessoas de um grupo, como também o diferencia de outras pessoas (Moser, 2003). O espaço também pode ter relações diretas com o estado de saúde das pessoas (Barbosa, 2006).

Para entendermos pelo menos o mínimo de uma cidade é necessária uma visão integrada, articulada de presente e futuro. Sendo Águas Claras, um Espaço em contexto capitalista, traduz de certa forma a dinâmica moderna. Estaremos aqui buscando acessar valores, significados e visões de mundo a partir dos relatos de moradores da cidade e, enfim, compreender a relação das suas subjetividades com seu ambiente.

¹ Ceilândia – IX Região Administrativa do DF.

3. METODOLOGIA

3.1. Aspectos básicos da Pesquisa Qualitativa

A pesquisa qualitativa se caracteriza pelo seu caráter construtivo-interpretativo, dialógico e pela sua atenção ao estudo de singularidades. O processo de construção teórica das configurações e processos subjetivos presentes no espaço, tanto ao nível social, como individual, tem que ser desenvolvidos observando os processos sociais dentro dos quais a experiência dos participantes tem lugar. Os processos subjetivos aparecem na medida em que os sujeitos estudados se expressam através de sua implicação pessoal, aparecendo na pesquisa através de suas próprias construções, que avançam e se enriquecem no diálogo com o pesquisador (González Rey, 2003).

A pesquisa qualitativa que propomos aqui tem como objetivo o estudo dos sentidos e significados dos participantes associados com o seu espaço de moradia. Concluindo, nossa pesquisa busca uma compreensão da realidade de habitar condomínio fechados e não causalidades nessa realidade.

3.2 Procedimentos metodológicos:

Local:

Águas Claras é a vigésima região administrativa do Distrito Federal do Brasil e conta com uma área de 31,5 Km², distando dezenove quilômetros do Plano Piloto. Projetada pelo arquiteto e urbanista Paulo Zimbres, começou a ser construída na década de 1990, sendo classificada como região administrativa a partir de 06 de maio de 2003 (lei distrital nº 3153)². Atualmente tem 40 mil habitantes (Williams, 2005) e é considerado o maior canteiro de obras da América Latina.

² Wikipédia – Enciclopédia Online (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 10 de maio 2007)

Escolha e descrição dos participantes:

Foram escolhidos 3 moradores de Águas Claras. Todos os participantes moram em condomínios verticais fechados próprios. A participante nº1 é moradora da cidade há 1 ano, 28 anos, estudante, casada, não tem filhos, é católica, está concluindo o ensino superior, apresentando uma renda familiar superior a R\$ 5000,00. A participante antes de mudar para a cidade morava em Ceilândia (9ª Região Administrativa do DF). O participante nº 2 é morador da cidade há 4 anos, servidor público, 43 anos, casado, tem um filho de 4 anos, evangélico, possui nível superior completo e apresenta uma renda familiar superior a R\$ 6000,00. O participante morava no Rio de Janeiro. A participante nº3 é moradora da cidade há 3 anos, não trabalha, 38 anos, casada, tem um filho de 7 anos, é evangélica e possui o ensino médio completo, apresentando renda familiar entre R\$ 3000,00 e R\$ 4000,00. A participante morava anteriormente no Guará (10ª Região Administrativa do DF).

Participantes/ Sexo	Idade	Instrução	Religião	Renda em Salários Mínimos
1: Feminino	28	Superior incompleto	Católica	Acima de 13
2: Masculino	43	Superior Completo	Evangélico	Acima de 15
3: Feminino	38	Ensino Médio	Evangélica	Acima de 9

Instrumento

Foi elaborada uma entrevista semi-estruturada (Minayo, 1994) apresentando um roteiro de 8 perguntas que foi elaborado no sentido de orientar e permitiu também que outras perguntas que não constavam no roteiro surgissem ao longo da entrevista. As perguntas foram

feitas individualmente. Verificamos que os participantes se expandiram em vários aspectos relevantes. Abaixo os tópicos da entrevista:

1. Percepção que o participante tem sobre Águas Claras.
2. Relação entre moradia e o bem-estar para o participante.
3. Definição de Bem-estar.
4. Tipo de moradia que traz bem-estar.
5. Identificação do tipo de moradia no DF que traz bem-estar (verificar se falará de Águas Claras).
6. Descrever a experiência de viver em Águas Claras.
7. Descrever como que tem sido o habitar um condomínio fechado.
8. Verificar em que medida, na visão do morador, Águas Claras se relaciona com o bem-estar.

Análise das Informações:

Para levantar as informações os participantes moradores foram entrevistados individualmente. As entrevistas gravadas foram transcritas, os dados foram trabalhados baseando-se em uma análise descritiva de conteúdos manifestos e a posterior interpretação. Tal método foi realizado em três etapas: a primeira configura-se em uma leitura do material, com o propósito de localizar as questões que chamem uma atenção especial. A segunda etapa se caracteriza pela organização desse material e, por último, a categorização dos relatos, que consiste no agrupamento dos mesmos, por temas com base na interpretação dos mesmos.

*“E a cidade ia tomando a forma
que o olhar revelava”
(Clarisse Lispector)*

4. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

As informações foram analisadas e apresentaram a vivência do habitar condomínios fechados em Águas Claras com os seguintes elementos:

1. Lugar de Começo (começo de vidas e de infra-estrutura);
2. Alternativa mais acessível para tranquilidade e conforto;
3. Garantia de privacidade;
4. Idéia de ascensão econômica;
5. Segurança do espaço físico e pessoal.

1. **Lugar de começo (começo de vidas e começo de infra-estrutura):**

Para os entrevistados, a cidade recebe pessoas que estão iniciando a vida de alguma forma, pessoas que melhoraram de vida e por isso estão procurando morar melhor. Igualmente, a cidade também está no seu começo, no início de sua formação. Na visão dos moradores as coisas que ainda não tem muita estrutura se justificam por causa do pouco tempo da cidade:

*“É uma cidade que ainda está começando ... um lugar que não está bem estruturado”
(part 1).*

“De infra – estrutura ainda está começando”, é uma “questão de tempo” (part 3).

Com relação a esse elemento onde se evidencia começo de dois aspectos que estão interligados, podemos entender que a idéia de começo possibilita uma visão do que é atual e moderno e em última análise visto como bom e agradável para os moradores, para a

sociedade, visto que atualmente a mesma valoriza o novo, o dinâmico em detrimento do velho. Mas até que ponto essas inovações podem estar estruturadas o suficiente para trazer um impacto positivo aos moradores? Os moradores em seu discurso afirmam que a cidade em estudo não tem uma estrutura muito boa, deixa a desejar, apesar das melhorias como o shopping, supermercados e padarias que até pouco tempo não havia na cidade, aparecem críticas com relação ao crescimento rápido e desordenado e um dos participantes verbaliza que sente que não é mais “*O projeto original, é o projeto da ganância mesmo*” (Part. 2) outra colaboradora (Part. 3) fala sobre a questão da cidade não ter crescido nos seus pontos básicos e de que ela só ver prédios residenciais por toda parte.

Segundo Paviani (1989), a proposta do projeto Águas Claras seria que ela fosse uma área complementar do Plano Piloto, com um lucro mais social do que imobiliário, hoje percebemos que em sua maioria a cidade tem sido ocupada condomínios residenciais, apesar de ter gerado empregos existe uma lacuna entre o que foi planejado e o que acontece na prática. O interessante é que os próprios moradores percebem que não há um parâmetro coerente para a construção dos prédios, fugindo assim do projeto original. Na visão deles o bairro vai ficar inviabilizado, tem um futuro de certo modo embaçado, mesmo que haja melhorias, elas vão demorar. Ou seja, os moradores já antevêm um futuro com uma qualidade de vida aquém da idealizada. O impacto da novidade para o morador hoje, não tem dado apenas a idéia de que ele faz parte de toda uma dinâmica moderna de consumo, mas já traz desconforto aos moradores. Um dos moradores verbalizou:

“O futuro de Águas Claras é meio negro. Por quê? Porque não há, não houve gabarito para fazer os prédios, então assim, é a “bangu” né? Como se diz cada um faz o que quer: o Paulo Otavio vem aqui constrói um prédio de 20 andares, a MB constrói um de 30, não tem parâmetro, o parâmetro é quem lucrar o máximo possível. Quer dizer daqui há algum tempo Águas Claras vai estar insuportável. O trânsito já está ruim, quer dizer, você imagina com todos esses arranha-céus

construídos, com todo mundo morando, isso aqui vai inviabilizar totalmente o bairro ... São muitos prédios com muitos andares” (Part 2).

Observa-se que a rapidez de transformação na cidade tem causado desconforto aos seus moradores (Carlos, 2004). O impacto desse desconforto, a longo prazo, poderia comprometer a qualidade de vida dos moradores, e em última análise, abrir possibilidades para estados psíquicos com sofrimento em vista da velocidade das mudanças que têm sido vivenciadas no espaço em questão. Como já foi comentado anteriormente, a sobrecarga de estímulos na cidade pode influenciar a saúde mental do morador de forma negativa.

2. Alternativa mais acessível para tranquilidade e conforto

Se analisarmos bem, a habitação é um meio de consumo coletivo, atualmente o que nós consumimos diz muito sobre nós mesmos. As verbalizações sugerem que os moradores de Águas Claras percebem que o comprar, o consumir uma moradia (apartamento) na cidade, é uma alternativa para um *status* intermediário – classe média:

“Na verdade a gente se mudou pra cá pelo preço acessível dos apartamentos que é bem mais barato que o Plano, o tamanho com certeza influenciou por um preço bem menor comprou um apartamento bem maior, então você mora melhor por um preço mais baixo e tem o mesmo padrão de vida que morando no Plano... Opção de lazer, e a taxa de condomínio também não é tão cara quanto no Plano” (Part1).

Nessa fala é evidente a comparação com o Plano Piloto, sendo que a moradora declara em outro momento não morar tão bem (Ceilândia) quanto hoje, segundo ela, vivencia um padrão parecido do que é considerado um bom lugar para morar, para a maioria dos brasilienses. Para ela, o seu local de moradia é uma área privilegiada: não é depois de Taguatinga (onde está a chamada periferia do DF), mas está entre Taguatinga e o Plano, acaba

sendo um lugar intermediário que oferece o mesmo padrão do Plano, em última análise um *status* intermediário – classe média. Estudos apontam que a aspiração em habitar condomínios fechados pode não estar vinculada só à segurança, qualidade de vida, mas também pela busca de *status* e marcas de distinção de poder, observa-se uma forma de unir grupos separando-os de outros (Caldeira, 2000).

Águas Claras para os moradores entrevistados parece uma alternativa mais fácil (detalhe: fácil para a classe média):

“Aqui por ser mais fácil, é um preço mais em conta, é um lugar até agradável. Então as pessoas estão vindo pra cá, são pessoas que estão começando a vida de alguma forma” (Part. 2).

Para esse morador, Águas Claras parece ser um lugar acessível e tranquilo que tem atraído a classe média (Lima, 1999). Por outro lado, se hoje atrai a classe média em sua maioria, em outro momento histórico quando as facilidades eram maiores atraiu perfis de renda diferentes. Ou seja, em Águas Claras convivem duas realidades:

“Não adianta as pessoas dizerem assim: ah é pra rico, mas onde mora-se o rico, mora-se também a classe média e média de porte médio pra baixo, porque quando Águas Claras iniciou era muito barato, e as pessoas comprou aqui, pessoas de classe média, de média pra baixo, comprou mesmo e vive aqui, mas no entanto não tem essas condições de condições de conseguir levar” (Part. 3).

Observamos que essa moradora nos chama a atenção sobre duas realidades (sendo que ela está falando apenas de Águas Claras), mas podemos ir além visto que, como foi falado anteriormente, segundo os dados da Codeplan (2002), a vigésima Região Administrativa do DF inclui também Areal e Arniqueiras, essas são áreas carentes (não chegam a ser favelas) há

2 minutos dos condomínios verticais fechados. Quadro típico das grandes metrópoles: condomínios luxuosos ao lado de comunidades carentes.

Percebe-se que a facilidade e acessibilidade para a classe média do DF, também é um sinônimo de segregação espacial no DF, erigir uma cidade para determinada classe, nos seus moradores pode conferir essa idéia que já foi sinalizada anteriormente: morar nessa cidade é menos difícil, mas não é pra qualquer pessoa. É um sítio espacial que seleciona explicitamente seus moradores e acaba dificultando a vida de alguns por conta do *status* que é conferido à cidade e aos seus moradores.

3. Idéia de ascensão econômica

Observamos também que os moradores entrevistados mudaram para a cidade porque aspiravam uma melhor qualidade de vida, mudaram-se depois de observar tanto as condições de moradia, como os preços acessíveis (que já foi falado anteriormente). Por exemplo:

“Eu me sinto mais a vontade, mais segura, um lugar mais tranqüilo, menos barulhento que a Ceilândia” (Part. 2).

Nesse discurso observamos que a escolha da nova moradia, está associada a uma ascensão econômica que afeta a vida social da moradora e que a faz reconhecer-se de uma outra classe social:

“O fato de morar na Ceilândia me sentia como uma pessoa de Classe Média Baixa, em Águas Claras eu já me reconheço como Classe Média” (Part 2).

Sabemos que em sua maioria, a mobilidade geográfica é evidente quando as pessoas aspiram por melhores condições de vida, com exceção de casos incomuns como catástrofes e

declínio econômico (Magale,1983). Outro detalhe importante no discurso da moradora, é que ela revela uma idéia de pertencimento, parte de como a moradora se define é simbolizado por certas qualidades de Águas Claras (Osborn, 2001):

“Me sinto a vontade, mais segura ... me reconheço como Classe Média”(Part.2)

Esse sentir-se seguro e a vontade ensejado pela estabilidade econômica pode contribuir também para um afastamento da complexidade e do sofrimento alheio, e por fim um isolamento desses perfis semelhantes (Shilling, 2000).

Em outra verbalização (Part. 2) aparece o conteúdo do conforto e segurança com os perfis parecidos, perfis estáveis economicamente:

“Perfis parecidos se entendem melhor ... o pessoal é bem semelhante ... essa homogeneidade de pessoas ... é uma coisa que dá um conforto”.

Percebe-se que a morfologia do espaço hierarquizada acaba selecionando perfis (Santos, 1986), e por fim fomentando o aparecimento de práticas discriminatórias nesses ambientes. Pode trazer a tona uma idéia de que é mais seguro e confortável estar em um ambiente onde os perfis são semelhantes economicamente.

Como as moradias em Águas Claras têm sido vendidas para a classe média em sua maioria, o morador já escolhe uma moradia carregada de um simbolismo (Santos, 1986) influenciando a maneira de sentir do morador:

“Acho também que o local influencia assim no modo como a pessoa se vê ... Eu já me vejo como uma pessoa de classe média, diferente da Ceilândia”.

O sentir que é um integrante da subjetividade desses participantes (Gonzalez Rey, 2005), tem sido tocado por Águas Claras notadamente. Para eles, Águas Claras os situa sócio

e economicamente (Moser, 2003), bem como já faz parte do seu processo de identidade, na maneira de se ver e de se diferenciar do outro:

“Eu já me vejo como uma pessoa de classe média diferente da Ceilândia”(Part. 1).

Importante lembrar que esse busca do semelhante anda junto do individualismo, tende a estabelecer relações unidirecionais, enfraquecendo a dinâmica de sociabilidade. E, exatamente por não propiciar o desenvolvimento de relações sociais, o princípio da semelhança é funcional à sociedade moderna. Portanto, conceber e habitar em ambientes que só apreciam semelhantes, contribuem para o preconceito e discriminação, essas práticas sociais passam a se constituir num requisito necessário para constituir a idéia de privacidade, conforto (segurança) e tranquilidade.

4. Garantia de privacidade:

Foi observado também que os condomínios são planejados para oferecer também privacidade aos seus moradores. Ao entrar na cidade você é abordado por corretores com panfletos de propaganda que dizem assim: “Qualidade de vida em alto estilo: Aqui o conceito de morar é viver bem, numa ampla área de lazer com espaços bem dimensionados em ambiente harmonioso com seu estilo de vida. Cuidadosamente planejado para você desfrutar tudo de bom que a vida tem a oferecer.” e “Aqui você tem privacidade e segurança total” ou “Deixe seu apartamento falar por você” (vide anexo II).

Uma leitura inicial que podemos fazer desses anúncios é que o entendimento de qualidade de vida e moradia passa pela centralização das atividades. Ou seja, a maioria das coisas ou praticamente “tudo” você tem disponibilizado no próprio condomínio, sem a necessidade de deslocamento.

Em Águas Claras segurança é sinônimo de muros, guaritas com guardas 24 horas dispondo de um sistema de tecnologia moderno. Cada lançamento de condomínio apresenta inovações arquitetônicas e tecnológicas. Segurança é uma condição para manter os outros de fora, para assegurar não só a exclusão, mas também a “harmonia”, “felicidade” e até “liberdade”. E qualidade de vida é todo esse “conforto conjunto” planejado para os moradores.

Para a participante 1, Águas Claras é sinônimo também de tranquilidade e privacidade:

“Bem - estar em primeiro lugar tranquilidade, vejo pelo silêncio, ... tem a questão da localização, onde eu moro em Águas Claras me oferece um bem estar que eu pego o carro perto do metrô, tenho facilidade, tenho área verde, toda essa questão. Eu vejo assim com relação a moradia é isso, tranquilidade mesmo”.

Observa-se que ela utiliza o carro mesmo para se dirigir à estação de metrô próximo ao seu condomínio, Caldeira (2000) aponta que uma das características desses estilos de moradia é que eles enfatizam o valor do que é privado, o acesso a eles é em sua maioria através de carros, os espaços públicos acabam desocupados, as ruas não tem muito movimento de pedestres moradores. Em Águas Claras os moradores costumam fazer compras, ir ao shopping, ao parque utilizando seus automóveis, a menos que esses estabelecimentos comerciais e de lazer fiquem muito próximos dos seus condomínios. Observa-se também que o recuo das ruas e as calçadas são bem estreitos, desestimulando o fluxo de pedestres. Assim sugere ao morador que é mais confortável e prático utilizar o carro, os moradores preferem não sair do seu condomínio, preferem que esteja tudo ali à sua disposição, ou seja, além de serem segregados e seguros (Caldeira, 2000), são universos que pretendem disponibilizar tudo ao morador, os moradores acabam se acostumando a evitar a vida pública cada vez mais. Esse é um fator de risco no sentido de que se o morador diariamente se engaja em comportamentos

que evitam o público e valorizam o privado, isso aos poucos vai marcando sua subjetividade e fazendo parte do seu processo de identidade. O isolamento facilmente pode se constituir uma prática cotidiana do morador, ao lado do isolamento está a solidão. A ausência de uma rede social é um fator preponderante para a solidão e abre espaço para um possível sofrimento psíquico.

Para o participante 2 é melhor nem sair do condomínio, é bom que ele ofereça espaço de lazer, maior comodidade, para que ele se sinta mais confortável e seguro tendo tudo à sua disposição atrás dos muros. Os condomínios em Águas Claras têm oferecido cada vez mais áreas de lazer, sociabilidade para tornar a vida dos moradores mais cômoda e sem necessidade de buscar em outros espaços essas oportunidades. O comodismo pode ser um impacto desses itens tão valorizados pela classe média, ter esse tipo de ambiente a disposição é dispor de um estilo de vida “elegante” e apreciado pela sociedade consumidora.

No discurso da participante 3 aparece um aspecto importante: a privacidade que está à sua disposição tem contribuído para seu isolamento e sofrimento, infere-se que os condomínios em alguns podem gerar um sentimento de não liberdade:

“Viver num condomínio de Águas Claras o qual o meu é, e é por sinal muito bom, mas é um lugar que você fica, olha, como é que eu diria, praticamente refém da cadeia. Por exemplo, nosso prédio tinha 10 câmaras, a gente teve que aumentar pra 30, hoje tem 40 câmaras. Assim, por quê? O nível de pessoas é um nível alto? É ... Eu descreveria que eu moro muito mal num condomínio fechado em Águas Claras ... eles são todos praticamente murados, já não tem mais nem essa liberdade de você descer”

Essa participante (3) faz atendimento psicossocial numa entidade religiosa, quando mudou para a área mais nobre da cidade, relatou que sentiu falta do convívio com as pessoas mais simples e que tem experimentado sofrimento. Os condomínios, portanto, contribuem

para um isolamento físico e social, é o que estaremos analisando mais detalhadamente na próxima categoria.

5 – Segurança do espaço físico e pessoal:

A segurança que é vendida surgiu nos discursos também, pois que é um dos argumentos mais usados pelo mercado imobiliário (Tramontano & Santos, 2001), e ficou explícito que esse estilo de habitar pode reservar, preservar o espaço físico e o espaço pessoal do morador.

Segurança do Espaço Físico

“Aqui em Brasília, condomínios fechados tá sendo assim o que as pessoas estão gostando mais, pela questão da segurança, mais pela segurança, pra mim é essencial, tem que ser” ou “Apartamento é mais prático: eu saio, fecho a porta ... Essa coisa da segurança que eu te falei também é outro ganho de qualidade de vida, porque quando você mora em casa você tem ficar o tempo todo tendo que prestar atenção” (Part. 1 e 2)

Essa verbalização novamente remete a uma tranqüilidade da moradora por estar onde está, na verdade, o que fica implícito é que certos moradores não reclamam, parecem até satisfeitos por pagarem por sua segurança, mesmo a cidade não tendo a presença da segurança do Estado na visão deles :

“Não tem policiamento ainda, né? Também não é um bairro onde aconteça muito problema, mas a gente precisa de um policiamento aqui também, uma delegacia, uma coisa de PM, sei lá, uma coisa nesse sentido”(Part 2) e “Às vezes à noite quando eu saio, eu fico pensando assim, se houver um seqüestro aqui, ou então até um estupro, é muito isolado, eu tenho um certo receio de sair a noite, a pé , a cidade

é tranqüila? É. Até que ponto eu não sei, porque se você desce do seu prédio e sai, fazer uma caminhada hoje aqui à noite, você tem até medo. Dá pra você vir pro shopping de onde eu moro? Até que dá, mas é um pouco perigoso: a iluminação, essa parte de sinalização” (Part. 3).

Ou seja, a cidade em si não dispõe de segurança: tanto de policiamento, bem como dispõe de sinalização precária, percebemos que cada um acaba assumindo uma responsabilidade que é um direito de todo cidadão (Tramontano & Santos, 2001) , onde fica o Estado nessa questão?

Segurança do Espaço Pessoal

Quanto à segurança do espaço pessoal primeiramente observamos as entrevistadas tem pouco contato com seus vizinhos:

“Eu tenho pouco contato com os vizinhos, pra mim é vantajoso porque não me envolvo com fofoca, com briguinhas; nada disso, e eu prefiro evitar. Ficar na minha” (Part 2)

O “ficar na minha” é uma das características do habitante das cidades, segundo George Simmel (1950), ele denomina esse tipo de expressão como *atitude blasé*, o preferir reservar-se de um contato mais profundo com os vizinhos muitas vezes é opção da maioria dos moradores e o próprio ambiente do condomínio favorece esse tipo de atitude (Caldeira, 2002).

“A parte social, pra mim trouxe muito sofrimento porque eu me isolei, eu vivo isolada praticamente, pro meu esposo não foi problema, porque Águas Claras pra ele é o típico, porque ele não gosta mesmo de convívio social” (Part 3),

Para alguns “parece” até bom não ter contato, para outros acarreta algum tipo de sofrimento:

“Pra mim dificultou muito ... As pessoas são muito fechadas, não sei se é o tipo do meu prédio né? e enfim e o povo é muito ... assim elitizado e eu não me acho muito nesse mundo não, confesso eu ... eu sou simples e a gente não pode viver nesse mundo sem sociabilização, a gente tem que tá no convívio social, não precisa você tá interferindo na vida particular ..., eu fazia caminhada no parque quando eu morava na 301(área econômica) e aqui eu não consigo, não tenho ninguém que dá um apoio, né? ... lá a gente tinha esse convívio”(Part 3).

Percebe-se que para a participante 3, a ausência de convívio social (por conta do novo ambiente), diferente da sua moradia anterior, tem marcado sua subjetividade (González Rey, 2003) causando-lhe sofrimento.

Já o participante 2, em seu condomínio dispõe de um bom convívio social e junto com outros moradores, está querendo ampliar o grupo que tem encontros nas dependências do condomínio.

Percebe-se que os ambientes são planejados visando o privado, porém quando se forma um grupo de sociabilidade, mesmo em lugares assim, quando os moradores desenvolvem o hábito de convívio social com os demais, acaba sendo uma alternativa que ganha força, mesmo em um ambiente que reforça mais o privado. Como ressalta González Rey (2003), o hábito é uma ação integral do indivíduo sobre sua própria vida pessoal. Hábitos de sociabilidade podem influenciar de maneira positiva a qualidade de vida desses moradores, pois o convívio social cria um espaço de expressão de conteúdos que dificilmente surgem no isolamento, vale ressaltar que esse condomínio era inicialmente de cooperativa, depois saiu do modelo de cooperativa, isso talvez tenha sido algo que de alguma forma influenciou a instalação desse hábito desde o início:

“Quando eu cheguei aqui no prédio, fui uns dos primeiros a chegar aqui, o grupo que chegou junto todo mundo fez amizade, a maioria, fez amizade, então alguns permanecem até hoje, e chegaram outras com essa disposição” (Part 2).

Em outro condomínio a administração sugere o “cortar” relações até mesmo com os que servem os moradores:

“Assim, no início, a gente tinha uma liberdade de se comunicar com os porteiros, com o pessoal da limpeza, eram 10 moradores e aí a gente tinha mais um convívio, podia até se conversar, mas encheu rapidinho e logo em seguida nas reuniões de condomínio, já foi cortado isso, eu creio que eu até frisava bastante isso nas reuniões, que esse convívio social tem muita diferença nas reuniões de condomínio, o administrador, o síndico, ele faz diferença, em termos de aproximar, ... ele é muito importante, ele já foi cortando muitas coisas que não era pra ficar com contato com o porteiro, com coisa, garagista, pessoal da limpeza, e enfim e o povo é muito ... assim elitizado (Part 3)

Os sistemas de segurança não só protegem contra a invasão, mas criam regras para que o condômino as vivencie, regras que também asseguram o direito de não ser incomodado, favorecem segurança ao seu espaço pessoal, todos esses aspectos do habitar condomínios verticais fechados em Águas Claras, tocam as subjetividades dos moradores e nitidamente favorecem o individual enfraquecendo os vínculos sociais, contribuindo assim para seu confinamento, isolamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não tivemos a pretensão de definir ou redefinir Águas Claras, mas propomos alguns parâmetros de discussão ao percorrer a cidade através de seus moradores.

Diante dos relatos aqui analisados verificamos que os participantes da pesquisa percebem que esse lugar de começos, de perspectivas, hoje, tem recebido pessoas em sua maioria de classe média, atraídas pelas “facilidades” dos preços acessíveis dos apartamentos.

Também é notória a presença de regras definidas dentro dos condomínios, onde seus moradores convivem com equipamentos eletrônicos, monitorando algumas de suas ações, em nome da segurança. Essas práticas sócio-espaciais são apelos ao privativo, ao individual, podendo vir a ensejar estilos de vida que se acomodam ao isolamento e ao individualismo, constantemente estimulados nesses espaços, a começar do seu planejamento arquitetônico e o traçado das ruas que desestimulam a vida pública. As práticas sócio-espaciais que tem se estabelecido hoje na cidade, refletem pra uns a expectativa de segurança, melhoria de qualidade de vida e de preço acessível; para outros, o isolamento, o sofrimento.

Essa pesquisa nos apresentou significados revelados pelos discursos dos participantes demonstrando que a relação entre o ambiente condomínio fechado e seu habitante pode vir a contribuir ou não para uma melhoria da sua qualidade de vida. Além disso, pôde nos orientar para encontrarmos outros dados sobre moradias que envolvem questões do individual, do privativo.

Verificamos também a idéia de que o domínio privado, além de dar uma idéia de apropriação, torna-se uma forma de "proteção" contra relacionamentos mais profundos, típico de nossas metrópoles, onde o homem isola-se agindo mais de forma superficial: “oi e tchau”, protegendo assim as suas emoções. O fato de estar mais cercado por objetos que, supostamente, proporcionam mais “bem-estar” (objetos que são acolhedores e suprem

algumas de suas necessidades), pode desestimular o morador em sentir a necessidade de descer, envolver-se com as pessoas, bem mais complicadas que os objetos, e assim os laços de vizinhança ficam cada vez mais fragilizados, é bem mais prático chegar em seu apartamento, fechar a porta e pronto.

Igualmente, verificamos que esse estágio atual do conhecimento da realidade sobre a relação entre cidade e morador ainda é preliminar, mas a discussão permitiu identificar fatores que favorecem o privativo, e de tabela o individualismo que pode, em última análise, trazer algum tipo de sofrimento aos moradores da cidade. Sugerimos que outras pesquisas sejam feitas com os moradores que já fazem atendimento de psicoterapia para verificar relações mais significativas entre ambiente e sofrimento psíquico.

Percebemos em Águas Claras um espaço composto de vários sentidos e significações da sociedade urbana, presentes nas formas de estilo de vida de seus moradores, obviamente que a escolha da moradia influencia no seu processo de identidade e de pertencimento social.

A imagem da cidade em crescimento tem sido fomentadora de migrações continuadas para a mesma, visto que pessoas entram e saem de Águas Claras continuamente. A sua imagem inovadora (refletindo a dinâmica da modernidade) com seus prédios cada vez mais luxuosos revelam que em Águas Claras, há uma proposta que salta aos olhos de todos: a cidade se propõe vender *qualidade de vida e segurança* como em uma feira (a quantidade de stands e corretores despejando panfletos nos carros de moradores e visitantes da cidade – ver modelos de propagandas – anexo I), discursos que moradores mais antigos, há muito, começaram questionar.

Esse estudo foi relevante também como uma proposta para outras pesquisas que podem ser feitas nessa área; notamos no mesmo que a Psicologia não tem contribuído muito para essa área, por esse motivo tivemos algumas limitações quanto ao material pesquisado,

mas também foi importante verificar que outras áreas que vem se dedicando ao estudo da habitação têm percebido a mesma impactando as subjetividades dos moradores.

Percebemos que Águas Claras por seu acelerado processo de ocupação espacial têm trazido preocupações aos seus moradores principalmente no que diz respeito a uma possível superpopulação, cabe as autoridades elaborarem planos e medidas para corrigir distorções, intervindo nas condições que têm desestruturado o espaço e que, em última análise, tem contribuído para um maior esvaziamento da prática sócio-espacial.

Nossa sugestão é que a cidade desenvolva programas para promover comportamentos de sociabilidade, desenvolva programas psicossociais para moradores que já sofrem com o confinamento em seus condomínios, e assim contribuir para o desenvolvimento da cidade como um todo, em termos de saúde e qualidade de vida do morador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbosa, Sônia Regina da Cal Seixas (2006). **Subjetividade e complexidade social: contribuições ao estudo da depressão**. Physis, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, (p 317-350).
- Barbosa, Sônia Regina de Cal Seixas (2006). **Complexidade e subjetividade: uma contribuição ao estudo da depressão entre trabalhadores da indústria petroquímica e pescadores artesanais**. In: III Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ambiente e Sociedade - ANPPAS - , GT: Saúde e Ambiente, Brasília, 23 a 26 de maio de 2006.
- Barbosa, Sônia Regina de Cal Seixas (2004). **Identidade social e dores da alma entre pescadores artesanais em Itaipu, RJ**. Ambiente e Sociedade, Campinas, v. 7, n. 1, Jan/jul, 107 – 133.
- Caldeira, Teresa Pires do Rio (2000). **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp.
- Cavalcante, Sylvia (2004). **A porta: objeto dos espaços humanos**. (p. 133-145) In: Günther, Hartmut, Pinheiro, José e Guzzo Raquel (orgs). Psicologia Ambiental: Entendendo as relações do homem com seu ambiente. Campinas, SP: Ed Alínea.
- Campos, Neio. **Brasília – A capital do capital Incorporador – Cap IV**. (1996) In: Q.R Luis César e Azevedo, Sergio. A crise da moradia nas grandes cidades: da questão da habitação à reforma urbana (pp 153 – 166). Rio de Janeiro: editora UFRJ.

Carlos, Ana Fani Alessandri (2004). **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto.

Cidade, Lúcia Cony Faria (2003). **Qualidade Ambiental, imagem de cidade e práticas socioespaciais**. In: Paviani, Aldo e Luiz Alberto Gouvêa (org). Brasília: Controvérsias ambientais (pp 157 -180). Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Codeplan (2002). **Companhia de Desenvolvimento e Planejamento do Planalto**. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/sites/200/216/00000047.pdf>. Acesso em: 10 de março 2007.

Dornelles, Jônatas (2005). **Churrasqueira versus Dependência de Empregada: um estudo antropológico a respeito da relação entre plantas residenciais e estilo de vida no município de Porto Alegre, Brasil**. Os Urbanitas - Revista de Antropologia Urbana Ano 2, vol.2, n.3, dezembro.

D'Ottaviano, Maria Camila Loffredo (2006). **Condomínios Fechados na Região Metropolitana de São Paulo: fim do modelo centro rico versus periferia pobre?** In: Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú - MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br>. Acesso em: 10 de março. 2007

Ferreira, Elen Jane de Abreu & Barbosa, Regina da Cal Seixas (2006). **Complexidade Social e Morbidades Referidas: Uma Contribuição ao Estudo do Ambiente Amazônico**. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro_anual. Acesso em: 10 de maio 2007.

Gonzalez Rey, Fernando Luis (2003). **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning.

Gonzalez Rey, Fernando Luis (2004). **Personalidade, Saúde e Modo de Vida**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning.

Jacques, Maria da Graça (1998). **Identidade**. In: Strey, Marlene Neves e colaboradores. *Psicologia Social Contemporânea*. Rio de Janeiro: Vozes.

Jornal da Comunidade (26/07/2004). Reportagem: **Lucros no Bairro de Águas Claras**. Disponível em: <http://www.moradia.org.br>. Acesso em 10 de março 2007.

Lima, Paulo C (1999). **A contribuição de melhoria e o metrô do DF**. In: Paviani, Aldo (org). *Brasília – gestão urbana: conflitos e cidadania*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Magale, Januário Francisco (1983). **Geografia e Sociologia em Max. Sorré**. Bela Vista SP: IPE – USP.

Mello, Neli Aparecida de (2003). **Políticas públicas e consumo do meio ambiente urbano**. In: Paviani, Aldo e Luiz Alberto Gouvêa (org). *Brasília: Controvérsias ambientais* (p 217-240). Brasília: Editora Universidade de Brasília

Minayo, Maria C. S. & Deslandes, S. F. & Neto, Otávio C. & Gomes, R (1994). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes.

Moser, Gabriel (2005). **Psicologia Ambiental e estudos pessoa-ambiente: que tipo de colaboração multidisciplinar?** *Psicol. USP*, São Paulo, v. 16, n. 1-2, mar. (p. 131-140).

Osborn, Brian S (2001). **Landscapes, Memory, Monuments, and Commemoration: Putting Identity in Its Place.** Disponível em: <http://canada.metropolis.net/events/ethnocultural/publications/putinden.pdf> . Acesso em: 28 de março 2007.

Paviani, Aldo (1987). **O projeto Águas Claras: planejamento desperdiçado** (p 73 – 97). In: Paviani (org). Brasília: metrópole em crise. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Ribeiro, Luiz Cezar de Queiroz (2004). **As metrópoles e a sociedade brasileira: futuro comprometido?** In: Ribeiro, L. C. de Queiroz (org); do Lago, Luciana C.; Azevedo, Sérgio; Santos, Orlando (col) (pp 9-16). *Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Rio de Janeiro: FASE, 2004.

Santos, Milton (1997). **Espaço e Método.** 4ª edição. São Paulo: Nobel.

Santos, Milton (1986). **Pensando o Espaço do homem.** 2ª edição. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo.

Shilling, Flávia (2000). **Um olhar sobre a violência da perspectiva dos direitos humanos: a questão da vítima.** *Revista Imesc* n° 2, pp 59-65. Disponível em: <http://www.imesc.sp.gov.br/pdf/art4rev2.pdf>. Acesso em 10 de março 2007.

Silva, Armando (2001). **Semiótica – Imaginários Urbanos**. São Paulo, Bogotá, Col: Convenio Andrés Bello, Ed. Perspectiva.

Simmel, Georg (1950). **The Metropole and Mental Life**. Adapted by D. Weinstein from Kurt Wolff (Trans.) *The Sociology of Georg Simmel*. New York: Free Press, 1950, pp.409-424. Disponível em: <http://www.depaul.edu>. Acesso em: 01 de maio 2007.

Tramontano, M., Santos, D. M. (2001). **Condomínios fechados: um olhar arquitetônico**. In: revista online. AAI. v. 1. Porto Alegre: AAI, 2001. Disponível em: http://www.eesc.usp.br/nomads/livraria/livraria_artigos_online02.htm. Acesso em: 20 de abril 2007.

Vasconcelos, Naumi A (1996). **Qualidade de Vida e Habitação**. In: Campos, Regina Helena de Freitas (org). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia* (p. 127-163). Petrópolis, RJ: Vozes.

Williams, Richard (2005). **Brasília depois de Brasília**. Texto apresentado para Associação Européia de Historiadores Urbanos, Estocolmo, ago. 2005. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq083/arq083_00.asp. Acesso em: 21 de maio 2007.

APÊNDICE

CATEGORIAS

Categoria 1: Lugar de Começo de vidas e infra-estrutura

“Águas Claras é uma cidade de classe média que ainda está começando, então as pessoas tem a visão de um lugar que ainda não está estruturado, mas um lugar bom, um lugar tranquilo, mas sem uma estrutura muito boa” (Participante 1)

“As pessoas pensam que aqui é um bairro novo,. Eu acho que aqui é um bairro de pessoas que estão começando a vida a dois, a maioria do pessoal que mora aqui nesse condomínio são casais ... vem pra cá pra complementar a carreira, ou pra ficar durante um tempo. O perfil do bairro é esse: são pessoas que vêm e saem também” (Participante 2)

“De infra-estrutura está começando a criar agora, está com shopping, está começando os supermercados, agora eu acho que o futuro de Águas Claras é meio negro. Por quê? Porque não há, não houve gabarito para fazer os prédios, então assim, é a “bangu” né? Como se diz cada um faz o que quer: o Paulo Otavio vem aqui constrói um prédio de 20 andares, a MB constrói um de 30, não tem parâmetro, o parâmetro é quem lucrar o máximo possível. Quer dizer daqui há algum tempo Águas Claras vai está insuportável. O trânsito já está ruim, quer dizer, você imagina com todos esses arranha-céus construídos, com todo mundo morando, isso aqui vai inviabilizar totalmente o bairro ... São muitos prédios com muitos andares, e eu tenho impressão de que já não é nem o projeto original, é o projeto mesmo da ganância mesmo” (Participante 2)

“Então eu acho assim que ela começou muito desproporcional, cresceu muito rápida muito distante, os prédios e comércio muito distantes, o lazer ... então eu acho assim, se tivesse começado por etapas como começou o sudoeste, hoje acho que até Águas Claras estaria bem melhor do que ela está hoje ... aqui não tem condições, por ex. eu agora o médico passou pra eu fazer hidroterapia, eu tenho que me deslocar ou pro Guará ou pra Taguatinga, então assim, eu sei que a cidade é nova, mas já deveria ter avançado nos pontos básicos né? Como ela é muito assim: “ah é muito boa, muito bom”, é muito bom realmente, mas tem muita coisa que precisa né? Principalmente te dá condições e próximo que você possa se deslocar,

eu percebo assim o sudoeste, tem gente que mora distante, mas cada quadra do sudoeste você ver assim tudo que você encontra ali. Criaram aquele local para o comércio, lazer, pra tudo, aqui não... Eu não espero que águas claras vai ser um lugar tranqüilo em termos de segurança ... eu não tenho essa esperança, mas assim, que a gente pode melhorar mais, pode. Eu acho que a parte política deixa muito a desejar porque a gente já paga IPTU, eles poderiam já estar, a administração de Águas Claras poderia providenciar esses viadutos, mais praças, lugar de espaço a gente só ver prédio, prédio, sinalizar mais as principais vias, essa poeira imensa, muito barulho por conta de tanta construção, eu tenho esperança, mas muito em breve não, eu creio que vai demorar muito. A gente sabe que tudo é muito lento né, então é isso (Participante 3)

Categoria 2: Alternativa mais acessível para tranqüilidade e conforto.

“Na verdade a gente se mudou pra lá pelo preço acessível dos apartamentos que é bem mais barato que o plano, o tamanho com certeza influenciou por um preço bem menor comprou um apartamento bem maior, então você mora melhor por um preço mais baixo e tem o mesmo padrão de vida que morando no plano ... Opção de lazer, e a taxa de condomínio também não é tão cara quanto no plano” (Participante 1).

“Aqui por ser mais fácil, é um preço mais em conta, é um lugar até agradável. Então as pessoas estão vindo pra cá ...” (Participante 2).

“Escuto aí né? Que é uma cidade boa, nova, que foi criada pra as pessoas que viviam de aluguel, que tinha condições de comprar aqui porque aqui os financiamentos eram mais fáceis, como no nosso caso” (Participante 3).

“Não adianta as pessoas dizerem assim: ah é pra rico, mas onde mora-se o rico, mora-se também a classe média e média de porte médio pra baixo, porque quando Águas Claras iniciou era muito barato, e as pessoas comprou aqui, pessoas de classe média, de média pra baixo, comprou mesmo e vive aqui, mas no entanto não tem essas condições de condições de conseguir levar” (Participante 3).

Categoria 3: Garantia de privacidade

“Bem estar em primeiro lugar, tranqüilidade, vejo pelo silêncio, ... tem a questão da localização, onde eu moro lá em Águas Claras me oferece um bem estar que eu pego o carro perto do metrô, tenho facilidade, tenho área verde, toda essa questão. Eu vejo assim com relação a moradia é isso, tranqüilidade mesmo” (Participante 1).

“Perto de um ponto de ônibus ou do ponto de metrô como é o caso daqui, que tenha um parque perto ou um parque ecológico que no caso que a gente tem ... Que tem espaço embaixo para as crianças brincarem como é o caso daqui. Uma vizinhança boa, é isso que eu te falei” (Participante 2).

“Viver num condomínio de Águas Claras o qual o meu é, e é por sinal muito bom, mas é um lugar que você fica, olha, como é que eu diria, praticamente refém da cadeia. Por exemplo, nosso prédio tinha 10 câmaras, a gente teve que aumentar pra 30, hoje tem 40 câmaras. Assim, por quê? O nível de pessoas é um nível alto? É. Mas é um nível de pessoas também de destruição, de não valorizar o seu patrimônio, porque não envolve só o morador proprietário, no meu caso, mas envolve também os que moram de aluguel e geralmente isso é um convívio que tem gente que valoriza, tem gente que não valoriza. Eu descreveria que eu moro muito mal num condomínio fechado em águas claras ... eles são todos praticamente murados, já não tem mais nem essa liberdade de você descer” (Participante 3).

Categoria 4: Idéia de ascensão econômica

“Águas Claras já vejo um lugar de classe média, um lugar que tem uma estrutura melhor, eu me sinto mais a vontade, mais segura, um lugar mais tranqüilo, menos barulhento que a Ceilândia, menos perigoso também porque a Ceilândia era muito perigosa, eu acho também que o local influencia assim no modo como a pessoa se vê, como eu tinha falado. Eu já me vejo como uma pessoa de classe média, diferente da Ceilândia. Por mais que eu tinha a mesma formação o mesmo emprego, o fato de

morar na Ceilândia me sentia como uma pessoa de Classe Média Baixa, em Águas Claras eu já me reconheço como Classe Média”. (Participante 1)

“As pessoas que moram aqui têm um perfil parecido, isso até certo ponto é bom. Por quê? Porque perfis parecidos se entendem melhor, então eu acho que o pessoal é bem semelhante. ... Além de ficar tranqüilo, eu tenho essa homogeneidade de pessoas que é uma coisa que dá um conforto” (Participante 2).

“No meu primeiro ano e meio, onde eu morava na área econômica ... Mas agora que eu estou nessa área mais, área nobre “ (Participante 3)

Categoria 5: Segurança

5.1 – Segurança do espaço físico

“Aqui em Brasília, condomínios fechados tá sendo assim o que as pessoas estão gostando mais, pela questão da segurança, mais pela segurança, pra mim é essencial, tem que ser” (Participante 1).

“Apartamento é mais prático: eu saio, fecho a porta, posso viajar a vontade, não tenho que ficar preocupado com casa, tem um porteiro, até um assaltante que tentar entrar em minha casa vai ter assim, muito obstáculo. Essa coisa da segurança que eu te falei também é outro ganho de qualidade de vida, porque quando você mora em casa você tem que ficar o tempo todo tendo que prestar atenção, fecha tudo, manter o portão fechado de olho. Não tem policiamento ainda, né? Também não é um bairro onde aconteça muito problema, mas a gente precisa de um policiamento aqui também, uma delegacia, uma coisa de PM, sei lá, uma coisa nesse sentido. (Participante 2)

“Às vezes à noite quando eu saio, eu fico pensando assim, se houver um seqüestro aqui, ou então até um estupro, é muito isolado, eu tenho um certo receio de sair a noite, a pé, a cidade é tranqüila? É. Até que ponto eu não sei, porque se você desce do seu prédio e sai, fazer uma caminhada hoje aqui à noite, você tem até medo. Dá

pra você vir pro shopping de onde eu moro? Até que dá, mas é um pouco perigoso: a iluminação, essa parte de sinalização” (Participante 3).

5.2 – Segurança do espaço pessoal

“Eu tenho pouco contato com os vizinhos , pra mim é vantajoso porque não me envolvo com fofoca, com briguinhas; nada disso, e eu prefiro evitar. Ficar na minha”(Participante 1).

“A gente tem contato bom com algumas pessoas senão são todas, porque tem pessoas que adotaram o tal do individualismo que é uma sugestão das revistas semanais aí, que é anti - cristão. Mas tem muita gente boa que a gente já tem amizade ... são vários casais que se reúnem no prédio, de vez em quando a gente faz um churrasquinho ... agora a gente ta querendo ampliar isso a gente ta bolando uma feijoada para chamar outras pessoas que tenham interesse de se entrosar no condomínio né?” (Participante 1).

“Pra mim dificultou muito ... As pessoas são muito fechadas, não sei se é o tipo do meu prédio né? E enfim e o povo é muito ... assim elitizado e eu não me acho muito nesse mundo não, confesso eu que gosto mais das coisas realmente, eu sou simples, e a gente não pode viver nesse mundo sem sociabilização, a gente tem que ta no convívio social, não precisa você ta interferindo na vida particular mas você ter um convívio de bom dia, boa tarde, boa noite. A parte social, pra mim trouxe muito sofrimento porque eu me isolei, eu vivo isolada praticamente, pro meu esposo não foi problema, porque Águas Claras pra ele é o típico, porque ele não gosta mesmo de convívio social, então assim, eu acho, e por isso mesmo eu até deixei, eu fazia caminhada no parque quando eu morava na 301 e aqui eu não consigo, não tenho ninguém que dá um apoio, né? “vamos caminhar, vamos fazer alguma coisa”, lá a gente tinha esse convívio (Participante 3).

ANEXOS:

ANEXO I – Marketing de Águas Claras

ABSOLUTO RESIDENCIAL

(Disponível em panfleto e em: <http://aguasclarasdf.com/site/?p=36>. Acesso em 10 de maio 2007.)

Veja as fotos

Fachada



Sala Duplex



Suíte Master



Localização



Piscina



Praça José Paulino



Cinema



Cinema Kids



Fitness



Varanda e Estar



Sala de Jantar



Copa e Cozinha



Planta 01



Planta 02



Cobertura



Cobertura - Superior



Espaço Gourmet



Sala de Reuniões



4 quartos, sendo 4 suítes / Única sala duplex de Brasília / Vista eterna para o parque Águas Claras

Amplie suas perspectivas. Seja Absoluto.

- Unidades de 183 a 319 m²;
- Localizado a apenas 50 metros do seu jardim com 619.000 m² de muito verde e o ar mais puro de Águas Claras;
- Vista eterna para o Parque Águas Claras;
- Próximo ao metrô, shopping, escolas, bancos e faculdades
- 03 ou 04 vagas na garagem;
- Mais sofisticada área de lazer de Brasília;
- Única sala duplex de Brasília;
- Varanda gourmet em todas as unidades;
- Home Theater panorâmico;
- Suíte king master panorâmica.

Financiamento em até 100x direto com a construtora

Previsão de entrega: Torre A: Novembro/2010 - Torre B: Maio/2010

Localização: Avenida das Castanheiras, Lote 02 - Águas Claras DF

MILENA BAQUI MUNIZ RESIDENCIAL

Disponível em panfleto e: <http://www.investimoveisbrasil.com.br>. Acesso em 10 de maio 2007)

DEIXE O SEU APARTAMENTO FALAR POR VOCÊ.

O que faz você ser do jeito que é? Seu humor, seu estilo, seu sorriso, seu jeito de andar e vestir. Seu apartamento também pode ser assim, do jeito que você quer. Deixe seu apartamento falar por você. Venha conhecer e investir em um imóvel único, do jeito que você é.



Rua 30 Norte Lote 03 - ÁGUAS CLARAS

- Fachada neoclássica
- 162 apartamentos
- 3 níveis de garagem coberta
- 4 lojas no térreo com acesso independente d área residencial
- Espaço gourmet iterno equipado com fogão e geladeira, e externo, com churrasqueira e forno pizza.
- Fitness Center equipado
- Sala de festas com sala de estar

- 2 vestiários / banheiros para prestadores de serviço do condomínio e dos moradores.
- salão de jogos
- Sala de descanso
- Sauna úmida com ducha
- Playground
- Quadra de peteca
- Brinquedoteca
- Banheiro masculino e feminino
- Piscina semi-olímpica com 2 raias de 25m e espaço para recreação, ao nível do piso Pilotis.
- Solarium
- Acabamentos: Piso em cerâmica, paredes internas em Drywall, cerâmica nas paredes dos banhos social e suíte e área de serviço, forro de gesso, shafts visitáveis
- Tipologias:
 - 1 - 01 suíte com varanda, sala cozinha americana e 1 banheiro social;
 - 2 - 01 quarto com varanda, sala cozinha americana e 01 banheiro social;
 - 3 - Duplex - Na parte inferior 01 sala, 01 varanda (somente no 1º, 3º e 5º pavimento), lavabo e cozinha e na parte superior 01 suíte sendo que os duplex ficam nos andares ímpares;
 - 4 - Duplex Cobertura - Na parte inferior 01 suíte com varanda, 01 sala, 01 cozinha americana, 01 quarto e 01 banheiro social e na parte superior 01 sala, 01 banheiro, churrasqueira e piscina;
 - 5 - Duplex Cobertura - Na parte inferior 01 quarto com varanda, 01 sala, 01 cozinha americana e 01 banheiro social e na parte superior 01 sala, 01 banheiro, churrasqueira e piscina;
 - 6 - Triplex Cobertura - Na parte inferior 01 suíte, na parte intermediária, 01 sala e 01 cozinha americana e na parte superior 01 banheiro, churrasqueira e piscina;

CARACTERÍSTICAS

- Apartamentos single, duplex e triplex (cobertura) ou 02 quartos.
- Área de lazer Completa.

Aqui o conceito de morar é viver bem, numa ampla área de lazer com espaços bem dimensionados em ambiente harmonioso com seu estilo de vida.

RESIDENCIAL VIVE LA VIE : 7.000 m² de lazer

(Disponível em: <http://www.residencialvivelavie.com>. Acesso em: 05 de maio 2007)

Uma torre com 100 apartamentos já está totalmente vendida!!!

Convidamos você a conhecer o empreendimento **Vive La Vie**

Conceito único e inovador em Águas Claras DF. Cuidadosamente **planejado para você desfrutar tudo de bom que a vida tem a oferecer**. Mais de 9.000 m² de terreno, com mais de 7.000 m² de lazer externo.

São 4 torres de 25 andares. Cada torre com 100 apartamentos de 2 e 3 quartos. Os apartamentos de 2 quartos com suíte possuem 66 m² de área e os apartamentos de 3 quartos com 2 suítes possuem 89m².

Uma vaga de garagem coberta por apartamento e vagas adicionais disponíveis para comercialização.

Veja abaixo tudo de bom que o Vive La Vie oferece.

- | | |
|---|--|
| 01. Port Cochere | 16. Piscina Biribol |
| 02. Praça das Águas | 17. Salão de Festas Jovem |
| 03. Vestiários de Serviços | 18. Garage Band |
| 04. Pet Care | 19. Salão de Jogos |
| 05. Gazebo Leitura | 20. Espaço Web |
| 06. Salão de Festas Adulto com Forno de Pizza | 21. Espaço Mulher |
| 07. Salão de Festas Infantil | 22. Churrasqueira com pergolado de apoio (3) |
| 08. Brinquedoteca | 23. Spa |
| 09. Espaço Mãe | 24. Cinema |
| 10. Playground 0-5 anos | 25. Espaço Gourmet |
| 11. Playground 5-10 anos | 26. Club Tênis com Pergolado de Apoio |
| 12. Quadra Poliesportiva com pergolado | 27. Redário |
| 13. Half de Skate | 28. Tenda Zen |
| 14. Piscina Adulto (raia de 25 m) | 29. Praça de Convívio |
| 15. Piscina Infantil | 30. Mirante |



ANEXO II MAPA DA CIDADE

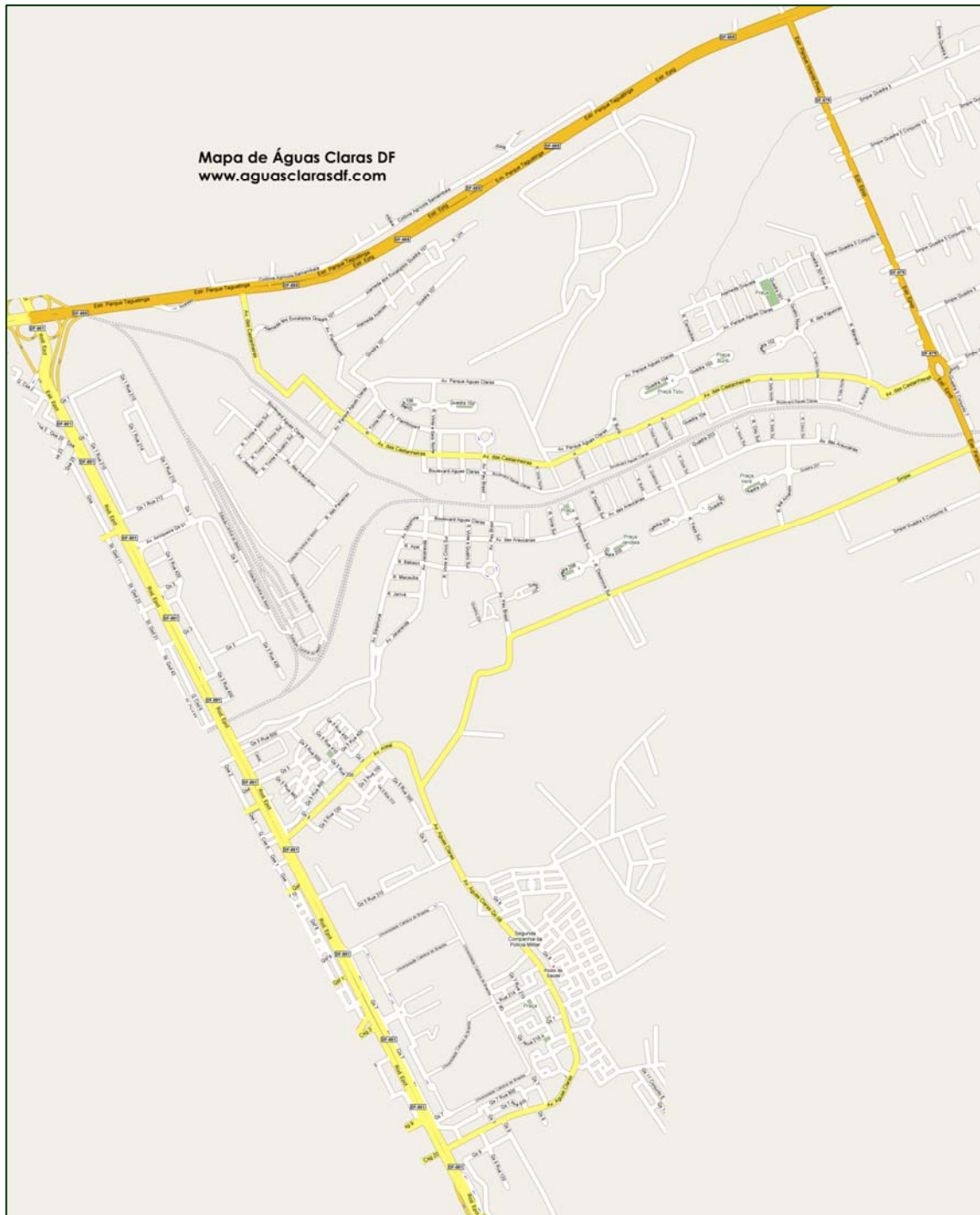


Figura 1: Mapa de Águas Claras

ANEXO III
FOTOS DA CIDADE

(Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br>)



ANEXO IV - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sou aluna do curso de Psicologia do Centro de Ensino Universitário – UniCEUB e estou fazendo um trabalho final. O objetivo da pesquisa que pretendo realizar é estudar a moradia e qualidade de vida em Condomínios Fechados.

Gostaria de convidar o(a) senhor(a) para participar da pesquisa “**Sua Moradia Também Fala de Você: Um Estudo da Relação Espaço e Subjetividade**”, respondendo algumas perguntas.

Em qualquer etapa da pesquisa, inclusive após sua publicação, é facultado ao(à) senhor(a) o acesso ao pesquisador responsável pelo estudo acima identificado para esclarecimento de eventuais dúvidas.

É garantida a liberdade da retirada de seu consentimento a qualquer momento, até o momento da conclusão e apresentação do trabalho, deixando de participar deste estudo, sem qualquer prejuízo ou explicação, bastando informar sua decisão. Será preservada sua identidade, com inteiro sigilo, assim como as identidades de todas as pessoas por você referidas.

A duração da entrevista será de aproximadamente uma hora. Será necessária a utilização de gravador para esta entrevista, mas seu nome não será gravado. Será dado um número para lhe identificar.

Eu,, acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo “**Sua Moradia Também Fala de Você: Um Estudo da Relação Espaço e Subjetividade**”

Concordo voluntariamente em participar deste estudo, ou seja, sem direito a nenhum tipo de remuneração, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

_____	_____	/ /
Assinatura do sujeito/representante legal	Local	Data

DESTACAR PARA ENTREGAR AO PARTICIPANTE

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

Assinatura do pesquisador

Local

/ /
Data

Pesquisador(a): Sarah Alves Marinho RA: 20261618 – UniCEUB

Contato : 84581904, hagnosarah@yahoo.com.br

Pesquisadora/Professora-Orientadora:

Cynthia Ciarallo / Contato: (61) 9974-4866 / *cynthiaciarallo@hotmail.com*